

# Viagem a varias tribus de selvagens na capitania de Minas-Geraes; permanencia entre ellas, descripção de seus usos e costumes

---

PELO NATURALISTA ALLEMÃO G. W. FREIREYSS

---

TRADUCÇÃO DE ALBERTO LÖFGREN

---

A Academia das Sciencias de Stockholmo possui um manuscrito da mão de um naturalista allemão G. W. Freireyss. Este manuscrito é uma especie de relatorio sobre uma viagem que o mesmo empreendeu a expensas do, então consul geral de Suecia e Noruega no Rio de Janeiro, Sr. Lourenço Westin, nos annos de 1814—1815. O manuscrito contem 91 paginas em folio com varias aquarellas e é dedicado ao Sr. Westin.

O auctor, especialmente ornithologo, nasceu em Francfurto sobre o Meno em 1789. Em 1812 acompanhou o consul geral da Russia Sr. Gustavo de Langsdorff, sendo porém a viagem de S. Petersburgo muito penosa, ficou o Sr. Freireyss na cidade de Carlshamn na Suecia, de onde seguiu para Upsala. Ahi travou conhecimento com os celebres botanicos suecos Swartz e Thunberg que lhe forneceram cartas de recommendações para o Sr. Westin, já residente no Rio. Chegando á capital brasileira em 29 de Agosto de 1813, tornou-se logo amigo do Sr. Westin o qual forneceu-lhe os meios para fazer collecções de objectos de historia natural. No mez de Julho dirigiu-se elle a Minas Geraes, em companhia do celebre e conhecido Tenente-coronel Guilherme von Eschwege, director de minas por parte do governo brasileiro. Na volta desta viagem escreveu o Sr. Freireyss o relatorio do

qual terei a honra de lêr um fragmento. Este, porém não representa o unico trabalho de Freireyss, porque mais tarde acompanhou elle o conhecido naturalista, principe Maximiliano de Neuwied. Além disso foi elle o primeiro a trabalhar pela colonização allemã no Brazil, conseguindo a fundação da colonia de Leopoldina ao sul de Bahia, morrendo na idade de 36 annos em 1825 e foi sepultado na Villa Viçosa perto da colonia e no paiz que elle tanto amou.

O fragmento que se segue é apenas um capitulo do relatório, cujo manuscripto esperamos ter em breve no Archivo do Instituto (1).

\* \* \*

Apenas 5 dias de viagem, na direcção Leste, da Villa-Rica actual Ouro Preto, vivem varias tribus de indigenas do Brazil, pelos portuguezes rechassados de suas antigas aldeias no litoral. Parece que a retirada delles se effectuou atravessando as espessas mattas que se estendem entre este territorio e Bahia, e muitas vezes, a poucas leguas do mar.

Havia muito tempo que pretendia observar estes selvagens nas suas condições naturaes e, com este objectivo, deixei Villa Rica em 14 de Dezembro de 1814.

O nosso caminho passava ao pé da Villa Marianna, distante duas leguas. Logo após começamos a subida da serra que se enxerga de Villa Rica e cujo ponto culminante parece ser o Itacolumi. A subida era muito fatigante. No logar mais alto tinhamos uma vista muito vasta mas, de pouca belleza; parecia como si a terra neste logar ha pouco tivesse sahido do «Chãos», pois tal era a impressão produzida pelos milhares de morros e pelos estreitos mas profundos valles entre elles. A maior parte desta estrada cortava mattas impenetraveis.

Algumas leguas adeante passavamos por um territorio muito lindo, onde dizem existir grandes riquezas de ouro e, em muitos logares, plantações boas. A nove leguas da Villa Rica e passando por um terreno accidentado e coberto de matta, chegamos á villa de Sant'Anna dos Ferros que, parecia ter sido um antigo presidio, isto é, logar de guarda de limites contra os indios. Proximo a esta villa e no outro lado do rio, vivem indios da tribu «Puri», mas que não parecem perigosos para os lavradores porque, contava-se como cousa notavel que ha 18 mezes os indios ma-

---

(1) Este trabalho foi lido na sessão de 5 de Fevereiro de 1901. Deliberou o Instituto, á vista do seu merecimento, mandar tirar uma copia completa, ficando encarregado disso o Sr. Dr. Alberto Löffgren que já recebeu communicação de estar ella prompta.

taram á flecha dois escravos. Os portuguezes todavia temem estes indios e o nosso hospede que era caçador apaixonado, confessou que nunca caçava no outro lado do rio. Tambem não se viam grandes sympathias pelos pobres indios por parte dos habitantes da villa porque, quando o commandante ouviu que o commissario portuguez conseguira localizar 500 Puris em logares fixos, abandonando todas as hostilidades contra os brancos e seus alliados indios, disse elle que estimava si alguem levasse a varriola para elles para dar cabo delles de uma vez.

No terceiro dia e depois de termos passado a grande ponte sobre o rio encachocirado perto de Sant'Anna dos Ferros e, mais algumas roças, vimo-nos rodeados por mattas espessas, aqui e acolá interrompidas por plantações de milho e outras. Si bem que os Puris bravos, ás vezes frequentam estas mattas, encontram-se especialmente numa outra matta virgem, muito densa, á cerca de 3 leguas de Sant'Anna, e á qual deram o nome de «Matta dos Puris». Duas cruces, logo á entrada desta matta temivel e proximas uma á outra, testemunham o assassinato dos dois escravos, surprehendidos na occasião da colheita de algodão para os seus senhores. Por causa disso os meus companheiros entravam nesta floresta com receio visivel. Parece, entretanto, que os Puris têm mais medo ainda dos portuguezes e suas armas superiores, do que estes daquelles porque, si os Puris fossem o que se diz ninguem podia viajar ali ou, centenaes de cruces attestariam os assassinatos ao passo que durante annos sómente duas ou trez tiveram de ser levantadas. Ali, naquellas moitas impenetraveis, podiam elles impunemente e sem serem vistos, atirar as suas flechas sobre os viajantes, certos da impossibilidade de serem perseguidos.

Ás 3 horas da tarde chegamos á Santa Rita, uma aldeia á 5 legoas de Sant'Anna e á uma da Matta dos Puris. No dia seguinte, ás 7 horas da manhã, continuamos a viagem e após mais 3 leguas de marcha,—17 leguas ou 113 kilometros de Villa Rica—alcançavamos o pico da serra de S. Beraldo—S. Geraldo?—, de frente da qual se ergue a cordilheira, mais alta ainda, da Serra da Onça. Ambas estas serras limitam um terreno mais baixo, cheio de morros, e onde está situado o presidio de S. João Baptista, uma aldeia que foi alcançada ás 3 horas da tarde e ahi fomos hospedados na casa do director Geral dos indios, Capitão Marlière, francez de origem. Este logar devia ser o ponto de onde fariamos as nossas observações sobre os indios. No valle achamos grandes extensões cobertas pela «*Asclepias curassavica*»—*Paína de sede, Pega-olho, Official da sala, Falsa ipecacuanha*—cujo cultivo é recommendavel pela planta sedosa das sementes.

Este presidio, nome que pôde ser traduzido por «logar de guarda limite», teve sua origem, como outros iguaes, pelo estabelecimento de criminosos que, fugidos da justiça, installaram-se entre os indios e, mais tarde, sollicitavam e recebiam do Governo alguns soldados para a sua segurança. Taes escoltas que raras vezes excediam de duas praças, não teriam sido precisos si, desde o começo, não tivessem calçado aos pés todos os direitos humanos dos pobres indios. Foram taes individuos que o indio primeiro chegou a conhecer e cujo comportamento logo julgou, extendendo em seguida o odio adquirido a todos os mais homens brancos e é sobre identicos elementos entre os primeiros conquistadores que se devam lançar toda a culpa da triste sorte dos infelizes selvagens e não sobre os portuguezes em geral.

Proximo ao presidio de S. João Baptista e, occupando uma area de cerca de 20 leguas quadradas, vivem tres tribus diversas de indigenas brazileiros. A mais poderosa dessas tribus é a dos Coroados que, inclusive mulheres e crianças pode ser calculada em 2000 individuos. Em seguida vem os Puris, dos quaes conseguiu-se reunir 500 em habitações fixas. A terceira tribu, os Coropós, ha mais de 50 annos está alliada e vive em amizade com os portuguezes, pelo que já perdeu muito da sua originalidade. Destes cerca de 200 formam uma communitade no rio Pomba, um affluente do norte para o rio Parahyba. Nesta tribu vivem tambem dois homens dos Parahybas e um dos Pacajús, duas outras tribus que habitam o territorio proximo á foz do rio Parahyba.

Todas estas tribus, no estado natural, são nomades porque, não têm criação e vivem de caça e pesca, raizes e fructas. Os homens caçam e as mulheres pescam e colhem as raizes e as fructas. O clima ameno não exige dos indios que pouco trabalho para o sustento e, ignorantes, como são, dos prazeres e vantagens de uma certa civilização, milhares de necessidades lhes são desconhecidas.

Os indios, em geral, são de estatura pequena; a côr é um amarello pardo—não côr de cobre como se costuma contar; o cabello é liso e preto; o olho é um pouco obliquo, de uma côr negro-bruna e, os ossos zygomaticos salientes constituem caracter essencial. O seu corpo não é avantajado porque, a parte inferior do tronco é de ordinario grosso, as pernas finas e a cabeça grande. São tidos por imberbes porque extirpam cuidadosamente todos os pellos que apparecem e, como este costume tem sido transmitido durante gerações, teve por effeito que até os indios escravos, apesar de não o seguirem mais, tem sempre menos barba e pellos do que os portuguezes. O indio anda completamente

nú e em algumas tribus ha o costume de puxar o prepucio e amarrar para impedir qualquer offensa por insectos.

Estavamos, portanto, perto destes interessantes indigenas e no intuito de procura-los nas suas proprias habitações, parti do presidio no dia 29 de Dezembro, em companhia do Snr. v. Eschwege, o director dos indios, Snr. Marlière e um soldado. O objectivo era o de visitar uma das aldeias proximos, si assim podemser chamadas 3 ou 4 cabanas baixas de palha. Estas se acham dentro da matta e raras são aquellas nas quaes moram mais de uma familia de 20—40 pessoas e ordinariamente são situadas distantes de algumas horas uma da outra. O caminho que conduz a uma aldeia é sempre um simples trilho estreito, no qual o indio, nú e pequeno, facilmente caminha mas onde nós, constantemente ficavamos embaraçados pelos espinhos e galhos que pegavam nas roupas.

O nosso caminho passava, pois, numa matta virgem e depois de duas leguas de marcha, sem perigo, encontramos uma porção de Coroádos que voltavam de uma caçada. As armas que traziam eram arcos e varias especies de flechas. As mulheres arquejavam de baixo de pesada carga de carne de porco do matto, macaquinhos vivos e papagaios. Ao redor dos rins traziam pannos e sua phisionomia era pouco attrahente. Eram antes pequenos do que de estatura mediana e os cabellos soltos e emmaranhados pendiam em strigas até os hombros. Depois de termos comprado um macaco, acompanhamos elles até as cabanas mas, tivemos logo de abandonar as mulas que deixamos com o soldado, porque o caminho tornava-se tão estreito que mal e mal um homem podia passar e, apesar de bem comprido, era entretanto tão direito como si os indios o tivessem traçado a bussola. Os nossos guias, não obstante, moviam-se tão habilmente por entre as moitas que estavam sempre diante de nós. Finalmente, no meio da matta, enxergamos uma roça de milho e, no meio desta, escondidas pelo milho que tinha 7 a 9 pés de altura, varias cabanas toscas, em forma de barracas e cobertas de palha. Apesar de ser bem restricto o espaço em cada uma dellas, havia, assim mesmo, 5 redes amarradas e, conforme o seu costume, receberam-nos os indios assentados em suas redes e balançando de vagar. Logo porém, todos, deixaram-nos um apos o outro e sómente o chefe da familia nos fez companhia, mestrando-nos as cabanas de seus filhos, collocadas na mesma roça. Todas as cabanas eram construidas do mesmo modo: de varas fincadas no chão com outras varas amarradas nas extremidades formando um cone com as pontas reunidas em cima e tudo coberto com palha de milho e de outros capins. Arcos, flechas, algumas vasilhas de barro, as cestas primitivas das

mulheres e umas peneiras formavam todo o mobiliar. Além destes objectos vi mais algumas cestinhas cuja fôrma e feitio apresentavam uma semelhança surpreendente como as das ilhas da Polynésia. Também havia allí varios animaes domesticados como cachorros, pequenos porcos do matto, papagaios e jacús.

Depois desta visita fui muitas vezes á mesma aldeia durante as minhas excursões para colleccionar objectos de historia natural. Umaz vezes fui só e outras vezes em companhia de um menino da tribu Coropó, porém ainda não me tinha arriscado a pernoitar com elles, até que, uma tarde, quando voltava para o presidio, uma tremenda borrasca surpreendeu-me na matta e perto da cabana dos indios. Trovoadas e tempestades como aquellas são perigosas na matta, especialmente por causa das milhares de arvores colossaes que o cyclone derruba, tanto por serem já muito velhas como por estarem em geral mal enraizadas, segundo observações feitas sobre as arvores brazileiras. Accresce que estes gigantes estão quasi sempre presas ás outras arvores por meio de milhares de cipós e, quando cahem, arrastam tudo na queda ou quebram uma porção de outras arvores. Imaginando mais a escuridão completa, interrompida apenas pelos relampagos e a trovoadas a roncar incessantemente, impedindo o ouvido de escutar o barulho das arvores que cahiam e verdadeiras cataractas de chuva a se despejarem das nuvens fazendo crescer num momento os riachos e os correjos, tem-se a situação perigosa e difficil da permanencia na matta durante uma tempestade.

Foi, pois, uma tempestade destas que obrigou-me a pedir abrigo entre os meus amigos indios. Acompanhado do menino Coropó, cheguei as cabanas totalmente molhado porque, além da chuva, tive de atravessar a váo varios correjos engrossados de modo a chegar-me a agua até o peito. O primeiro cuidado naturalmente foi a de tirar a minha roupa ensopada, porém, com que havia eu de cobrir-me, pois nenhuma camisa existia na cabana? Os indios estavam todos nus e zombavam do meu embaraço até que uma india de cerca de 16 annos, compadeceu-se e por mimica offereceu a sua tanga, unico vestuario que possuia. Como era natural recusei, visto que todas as mulheres presente, conservavam as suas tangas e só me restava unirme áquella sociedade nua ao redor do fogo. Mas por muito tempo continuava eu objecto de sua curiosidade por ser a minha pelle differente da delles. Percebendo isso, e na supposição de que nunca tinham visto europeos nus, aproveitei-me esta curiosidade em meu favor porque, conhecendo o seu odio aos portuguezes, fiz o meu Coropó, que entendia a lingua delles, contar-lhes que eu não era portuguez mas sim de uma grande nação que morava para o Norte.

Deste momento em diante, crescia a sua confiança que eu, aliás, já tinha procurado ganhar com pequenos presentes. A mais velha das mulheres recebeu então ordem—provavelmente do marido que parecia da mesma idade—de cosinhar um pouco de milho para mim mas, como não havia milho na cabana, nem lenha, oppuz-me a esta generosidade, porque a trovoadá ainda roncava e a chuva ameaçava-nos de outro dilúvio. Mas nada adiantei. A pobre mulher teve de sahir e somente depois de uma boa meia hora, voltou com lenha, agua e milho. Este ultimo ainda não estava maduro o que entretanto não importa, porque os indios só comiam milho verde feito mingáú. Regalei depois os meus hospedes com um pouco de agua-ardente que tinha commigo, o que muito lhes agradou, pois, esta bebida tem para elles um valor inestimavel e torna-se facilmente o idolo ao qual sacrificam o ganho de suas caçadas e de seu trabalho. Felizmente a minha provisào, —esta vez, chegava apenas para dar-lhes um pouco de alegria, sentimento este que raras vezes observei em selvagens no Brazil.

Tinha chegado a noite e si eu não quizesse dormir no chão, precisava pedir que me cedessem uma das redes na cabana, mas notei que os velhos estavam com pouca vontade de dar-me uma das suas. Finalmente uma india moça tirou-me do embaraço, cedendo-me a della, cuja fineza retribui com alguns anzões. Pouco depois o meu joven companheiro Coropó estava tambem deitado, roncando numa outra rede, cedida pela irmã da minha bemfeitora. Assim mesmo fiquei meditando si era prudente entregar-me ao somno que imperiosamente me invadia. O que valia, porem eu ficar acordado si os indios tivessem deliberado eliminar-me? Minha polvora estava acabada, apenas tinha para 3 tiros e esta mesma estava estragada pela chuva. Adormeci, pois, mas duvidas e receios acordaram-me repetidas vezes durante a noite. Fiz então a observação de que o somno dos indios é desigual e interrompido porque os vi varias vezes pôr lenha no fogo durante a noite e, ás duas horas da madrugada, alguns se levantaram para assar milho.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, deixamos esta gente simples, depois de tel-os presenteado com algumas agulhas e anzões. Teriamos caminhado cerca de meia legua quando um dos indios da cabana onde tinhamos pernoitado, nos alcançou, todo arquejando, e entregou-me umas folhas de papel que tinha usado para prensar plantas e que ficaram esquecidas num canto. Por essa e outras acções idênticas, ganharam os indios a minha estima.

Muitas outras, não menos interessantes aventuras, passei

durante as minhas visitas aos outros Coroados, porém seria prolixo contar tudo, pelo que prefiro expôr alguns resultados das minhas observações.

A tribu dos Coroados, como ja foi dito, é a mais numerosa e conta cerca de 2000 almas. E' bem notavel o facto que o numero de mulheres é igual ao de homens, segundo uma estatistica official, facto este que não justifica a polygamia entre elles.

Os coroados são muito guerreiros e temidos pelos visinhos, os Puris, com os quaes vivem em constantes brigas e, apesar de não serem antropophagos ha, todavia, um costume tendente a isso. Quando matam algum inimigo, de ordinario um Puri, levam consigo para a cabana um braço do cadaver, como uma especie de trophéo da victoria. Chegados em casa arranjam uma festa na qual se regalam com a bebida predilecta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro, cujo fundo pontudo está enterrado no chão. Neste pote collocam o braço do inimigo morto e cada um, por sua vez, tira-o de vez em quando do pote para chupar a extremidade cortada.

Taes costumes barbaros provam o gráu baixo da civilização desta gente, aliás tão boa. Como entre quasi todas as tribus, reina entre elles ainda o costume de vingarem-se cada vez que algum membro da sua familia for assassinado e, como o assassino quasi nunca é entregue pelos seus, matam, logo que podem, qualquer outro da familia do assassino, uma mulher pelo marido, uma irmã pelo irmão, um filho pelo pae e assim sempre o innocente pelo culpado. Conseguido isso, cessam as hostilidades e a amizade antiga reina de novo entre elles. Medo, o indio não conhece, pelo menos não o medo da guerra e entre elles ha o proverbio de que o homem foi creado para morrer na peleja e a mulher para dar novos homens.

Os logares habitados, estão sempre muito distantes um do outro até a varias horas de marcha e nunca são inteiramente fixos, apesar de que os indios, ás vezes, cultivam o milho. Mesmo onde isso é o caso, deixam elles as suas cabanas para viajarem durante mezes em caçadas pelas mattas, unico logar que elles amam. Essas viagens são muito penosas para as mulheres que tem de carregar todo o mobiliar, redes, potes etc., acomodando tudo numa cesta sobre as costas e presa por uma facha de panno que passam ao redor da testa, e mais os filhos pequenos e os animaes domesticos.

E' a caça que lhes fornece a alimentação principal; menos importante, pelo menos neste logar, é a pesca. Nas caçadas pouco rendosas, nutrem-se elles de varias fructas do matto, fazendo até



provisão de algumas e entre estas está em primeiro lugar a «Sapucaia» em cuja colheita servem-se dos cipós pura subir nas arvores que são muito altas. Um costume bastante singular e que, forçosamente, ha de contribuir para conservar-lhes uma certa sociabilidade, observei entre os Puris que acreditam ser prejudicial para o caçador a caça que elle matou e por isso tem de dal-a aos outros.

As unicas armas usadas pelos Coroados, são o arco e as flechas, como por quasi todos os indios brasileiros. No manejo destas possuem uma habilidade admiravel e para alcançar este desideratum praticam 5 a 6 incisões profundas no lado de dentro do antebraço esquerdo, porque assim, dizem, adquirem mais firmeza no armar o arco. Tem-se visto indios atirarem as suas flechas quasi que perpendicularmente e na queda da flecha acertar em qualquer objecto determinado de antemão. Em 50 passos, raras vezes erram o alvo, ainda que seja pequeno e vi um menino flechar uma fructa na distancia de 30 passos e isso depois de tór estado ao meu serviço durante varios mezes em que elle nunca manejou o arco porque eu lhe tinha ensinado o uso da espingarda. As mulheres são em geral menos dextras e tem arcos menores. Quando um indio foi flechado e a flecha ficou na ferida, como quasi sempre acontece, quebra elle a ponta e tira o cabo da ferida, torcendo-o.

Para pescar, os coroados empregam uma especie de lança, feita de uma qualidade de canna de grossura de uma pollegada e cerca de 9 pés de comprimento. Na extremidade amarram duas pontas farpadas de madeira de 8 pollegadas de comprimento. Esta lança seguram debaixo da agua e quando um peixe se aproxima, espetam-no com grande habilidade. Esta lança de pescar cham «tschemnã».

O uso do ferro ainda lhes é pouco conhecido e todas as armas mencionadas, por temiveis que sejam, são feitas de madeira. Parecem ignorar o envenenamento das flechas.

Quando a noite surprehende os indios que andam caçando, suspendem as suas redes que, como as cordas dos arcos, são fabricadas de embira, e nunca deixam de accender um fogo no que empregam varias madeiras. O fogo produzem com um páusinho de madeira dura, de comprimento e largura de um dedo. Este páusinho fixam no cabo de uma flecha, cuja ponta tiram. Collocam depois encima de uma pedra, um outro pedaço de madeira no qual praticam uma cóva e nesta cóva assentam o páusinho que fixaram no cabo da flecha. Tomam então o páusinho entre as duas mãos abertas e, conservando a extremidade na cóva, imprimem-lhe um movimento de rotação rapida até que

o pó de madeira que se fórma pela fricção, se accenda por alguma fagulha produzida por este attrito rapido. Mas este processo empregam sómente em caso de necessidade porque é obrigação das mulheres de conduzir sempre uma braza.

Quando uma caçada feliz tem posto os Coroados ao abrigo dos cuidados pelos alimentos por alguns dias, descançam os homens, deixando ás mulheres o preparo da comida. Como em todos os povos não civilizados, a mulher tambem aqui é escrava. Nas caçadas é ella carregada em excesso com a caça e as provisões de fructas emquanto o homem, mais forte, carrega sómente o arco e algumas flechas. Em casa tem ella de preparar a comida, ir buscar a agua e a lenha e, muito condescendente é o homem que se occupa em conservar o fogo ao pé da sua rede.

Tendo os indios habitação fixa, voltam a ella finda a caçada, em outro caso installam-se em qualquer logar e a falta de comida põe-nos outra vez a caminho.

Os indios que costumam estar em contacto com os brancos tem a colheita da ipecacuanha que os faz sahir para as mattas, e são muitos os portuguezes que fazem bons negocios com o commercio desta droga, proveniente das partes subterraneas ou raizes de «Cephaëlis ipecacuanha», hoje do genero «Uragoga». Em epochas certas reúnem para este fim a maior porção possível de indios e atravessam com elles as mattas. Nestas excursões levam sempre mantimentos e especialmente aguardente que vantajosamente vendem em troca das provisões de ipecacuanha que os indios fizeram, por um pequeno calice de aguardente—uma mercadoria cuja venda aos indios é prohibida—recebem, muitas vezes, 1/4 de libra da valiosa raiz.

Por mais monotona que seja a vida destes selvagens e por mais brutos que sejam, distinguem-se elles de um modo inverosímil por sua boa reflexão e grande agudez de espirito, como logo mais terei occasião de mostrar.

De religião não ha vestigio entre elles, pelo menos no que diz respeito a praticas externas. Não adoram Deus algum bom, mas temem um genio máu que elles se figuram na trovoadá, sem contudo importarem-se mais com elle. Que porem entre elles exista uma vaga idéa a respeito da immortalidade da alma, como entre todos os povos na sua infancia, não ha duvida porque, deixam aos mortos as armas no tumulo para, como dizem, «usar lá em cima».

Um enterro entre os coroados apresenta certas singularidades. Primeiro quebram todos os ossos do cadaver e depois collocam-no assim nos grandes potes de barro em que preparam a

sua bebida de milho fermentado. Si foi um chefe de familia que morreu, enterram-no no meio da cabana que elle habitava em vida e em seguida abandonam o logar. Voltando por acaso e durante as suas caçadas para o logar onde os seus mortos estão enterrados, testemunham a sua lembrança delles por altos gritos e lamentos.

Com o mesmo silencio com que um Coroado abandona este mundo, faz elle tambem a sua entrada nelle; nenhuma cerimonia ou festa reúne os visinhos por occasião de um nascimento e até os casamentos se effectuam em silencio. O noivo leva comsigo a noiva que comprou dos paes. Acontece, porém, muitas vezes, que a mulher deixa o marido depois de poucas semanas, um costume que é tanto mais extranho, como em todos os outros casos é ella tractada como escrava. Este abandono do marido é tão frequente que se encontram muitas jovens indias que no espaço de um anno, e poi simples capricho, mudaram de marido 5 a 6 vezes. Raro têm ellas mais de 4 filhos, o que é para extranhar, porque a população brazileira, de origem europeia e africana, é muito prolifera. Logo que uma india tem parido, desce para o primeiro correjo ou rio para lavar-se a si e á creança. A reconhecida observação de que o pai da creança finge-se doente e fica deitado por muitos dias, foi affirmada por varias testemunhas oculares.

Taes costumes encontram-se de preferencia entre os coroados não baptizados, mas os baptizados conservam tambem muito os seus costumes e, especialmente difficil é desacostumal-os da polygamia. O mesmo acontece com alguns outros costumes. No começo queriam que os portuguezes lhes pagassem para resar na igreja nos domingos e como não havia vontade nem meios para satisfazer essa exigencia, os indios convertidos deixavam de frequentar a igreja no presidio. Tambem são muito acanhadas as idéas do christianismo ministradas aos indios e como exemplo pode servir a seguinte anecdota: Num passeio o Snr. Marlière tinha levado um cãozinho. Este foi atacado por uma porção de porcos famintos que o teriam matado si o Snr. Marlière não tivesse acudido, mas já estava num estado lastimoso. Como era longe para a casa, o Snr. Marlière deixou o cão a um Coroado para ser curado. Dois dias depois veiu o indio e contou que o cachorrinho tinha morrido, «mas» acrescentou elle «como o cão era de um amigo, enterrei-o e puz uma cruz no tumulo». E, effectivamente, o indio tinha levado o cão a uma eucruzilhada onde enterrou-o e collocou uma cruz.

Uma boa prova da sua reflexão, deram-me estes indios numa occasião. Tinha-se contado para os indios baptizados ha pouco,

a historia de S. Manoel, não poupando as narrações dos milagres. Ao mesmo tempo estava-se construindo uma igreja no presidio e no dia da inauguração da capella provisoria, a imagem de S. Manoel devia ser alli depositada. Curiosos para conhecer o milagroso Santo, muitos indios tinham chegado mas, quando viram que a imagem era de madeira, voltaram todos para as suas mattas. Acreditavam que se fazia caçoada delles e diziam que o Santo era de púu e que púu só era páu e não tinha acção alguma. Este caso é uma prova de que estes indios não conhecem a idolatria nem admittem a presença de entes superiores nas imagens mortas e, que possuem bom senso.

Pode-se tirar um selvagem brasileiro de suas mattas e tratá-lo do melhor modo, que elle sempre estimará, acima de tudo, poder voltar para os seus patricios. Esta observação tão conhecida, fiz eu tambem quando trouxe para o Rio de Janeiro um pequeno indio que voluntariamente me acompanhava. Procurei fazer tudo para tornar-lhe a sua estada agradável, não só por causa da confiança que elle tinha em mim, seguindo-me, como tambem por ser um moço muito intelligente que fallava as linguas de 4 tribus diferentes e era caçador habilissimo que podia ser-me de grande utilidade nas minhas futuras excursões. Porém, divertimento algum o impedia de todos os dias pedir-me que fizesse uma nova viagem, especialmente para os indios. Por uma casualidade, a estada no Rio tornou-se ainda mais odiosa para o moço desconfiado. Tinha pensado proporcional-o um grande prazer levando-o ao theatro, mas felizmente, escolhi uma peça com muitas transformações. Nunca tinha visto o meu selvagem mais contente do que no começo da comedia; quando porém, no segundo acto, houve uma fingida decapitação, muito bem representada, o meu joven indio levantou-se e fugiu aterrorizado e nada podia obrigar-o a acompanhar-me outra vez ao theatro.

Uma prova ainda melhor, de quanto é forte a sua saudade do lar e do modo de vida livre e bruto das mattas, foi-me fornecida pela historia de um padre na commuidade do Rio da Pomba. Este padre era Coroado nato que, em creança tinha viudo para o bispo em Marianna que o educou no intuito de dar aos indios um padre da sua propria raça, um pensamento que merece todo o applauso. Effectivamente, o nosso Coroado chegou a ser padre e, condecorado com o habito de Christo, foi mandado para a commuidade converter os seus patricios. Durante muitos annos, cumpriu elle ahi o seu dever para grande satisfação da igreja quando, repentinamente, accordou-se nelle a vontade de mudar a sua vida de padre para a que elle tinha levado em creança. Despiu a sotaina, deixou o habito de Christo

e tudo mais e fugiu em procura dos seus patricios nús, entre os quaes começou a viver como elles, casou com varias mulheres e até hoje, ainda não se arrependeu da mudança.

E' innegavel a grande perspicacia que os indios revelam no modo seguro com que curam as suas molestias que, felizmente, não são muitas. Todos os seus remedios buscam no reino vegetal e nós teriamos de aprender delles muitos segredos em pról da humanidade, como aliás, já devemos a elles o conhecimento de varias experiencias na medicina. Assim, por exemplo, o indio não tem medo das mordeduras de cobras venenosas porque, conhecem folhas que curam infallivelmente e, si o contacto com os portuguezes trouxe-lhes o contagio venereo, elles o curam tambem com vegetaes, sem que virus algum lhes fique no corpo.

Os Coroados empregam tambem a sangria e para isso utilizam-se de um arco pequeno de umas 10 pollegadas de comprimento e uma pequena flecha, cuja ponta é feita de uma lasca de vidro ou, em falta deste, de uma lasca de pedra que lapidam até que sirva para o fim proposto. A um millimetro, mais ou menos da ponta desta lasca, enrolam algodão para que não entre mais do que deve. Ha indios extremamente habéis neste genero de sangrias que podem, por isso ser tidos como os cirurgiões destas nações. Mas parece que não é sómente em caso de doença que os Coroados se sangram porque, o sr. Marlière observou um dia que uma porção de mulheres e moças que estavam tomando banho num corrego, sujeitaram-se todas a esta operação e o cirurgião nunca faltava de acertar a veia com a flechinha. Parece-me isso mais plausivel ainda pelo facto de o mesmo Coroado-cirurgião querer por força sangrar-me a mim tambem, apesar de que eu constantemente lhe declarava que estava são e não precisava disso.

Em casos de constipação, os Puris servem-se de um curativo que muito se assemelha aos banhos de vapor da Russia. Uma moça que tinha-se constipado fortemente, fizeram transpirar do seguinte modo: do corrego p.oximo transportaram uma pedra que foi posta no fogo até ficar bem quente, depois fizeram a moça debruçar-se, com as mãos e os pés no chão, por cima da pedra mas sem tocar esta; então as mulheres cercavam-na e com a bocca cheia de agua despejavam ou cuspiam esta na pedra. Os vapores que assim se formavam pelo contacto da agua com a pedra quente, effectivamente, provocavam uma transpiração copiosa e, no dia seguinte, estava a moça curada.

Mas por mais felizes que os indios sejam no curar quasi todas as suas doenças, acham-se entretanto absolutamente indefesos deante de uma das epidemias introduzidas—a variola. A

culpa disso talvez se encontra no proprio modo de vida que levam. Acostumados a banharem-se nos corregos ou rios proximos muitas vezes por dia e, principalmente quando sentem calor, correm logo para a agua a refrescarem-se. Deste costume é impossivel tiral-os, apesar de que tantos já foram victimados pela variola. Seduzidos pelo calor da febre, correm para a agua fria do rio onde permanecem durante horas de que resulta recolher-se a erupção e o pobre contagiado morre, victima de sua imprudencia. A simples noticia de que ha variola na visinhança, é bastante para despovoar mattas immensas.

Nunca se encontram individuos fracos ou doentios entre os indios, o que se tentou explicar pela simplicidade no seu modo de viver. Pode isso muito bem ser mas, fortemente contribue o costume que elles tem de matar toda a creança recém-nascida com signaes de doentio ou que tiver qualquer defeito physico. Assim, ha pouco, o sr. Marlière impediu que um indio matasse o seu filho que nascera com dois dedos tortos porque, dizia o pae, não prestaria para armar um arco.

Os festejos que são verdadeiras orgias, e caem principalmente no tempo em que amadurece o milho. As mulheres assentam-se em circulo e mastigam com grande presteza o milho que depois de bem triturado é cuspido dentro de um pote grande em pé no meio dellas. Durante um a dois dias continúa esta mastigação até que a quantidade sufficiente esteja preparada. Neste milho mastigado e misturado com a saliva, põem ainda agua e deixam tudo fermentar, depois do que decantam o liquido que se parece com cerveja fraca e, começa a festança. Para augmento da festa saccodem uma puranga com pedrinhas dentro, produzindo assim uma musica, quasi igual á dos «kamtschadalo», cujo instrumento consiste numa porção de bicos de «alco» enfiados numa corda. O instrumento dos Coroados chama-se «grigine» e a bebida «verü». Nem sempre fabricam a sua bebida com milho, tambem a fazem com raizes, como os indios que não conhecem os portuguezes. Dizem que nestas bebedeiras ha cantos e dansas mas, nunca o pude verificar porque, não é prudente estar presente nestas festas que, quasi sempre acabam com zangas e brigas. Numa dellas, ha bem pouco, foi morto um portuguez, apesar de estar casado com uma india e ter vivido 10 annos entre elles, sendo, ás mais das vezes o ciume a causa das desavenças.

As linguas que falam os Coroados e os Puris são tão pouco differentes que só isso parece indicar uma origem commum e ha entre elles a lenda de que, ha muito tempo atraz, formavam uma

só nação. Naquelle tempo duas familias importantes separaram-se com os seus fieis e começaram a briga que perdura ainda hoje, assignalada por constantes assassinatos. Notavel é que os puris são sempre mais fortes do que os Coroádos, apesar de serem da mesma origem. O arco de um Puri, nenhum Coroádo pôde armar. Serão os poucos annos de contacto com os brancos que lhes teriam diminuido a força ou será inexacta a lenda desta origem comum.

Não obstante de terem os Coroádos, já por mais de 40 annos, mantido relações amistosas com os portuguezes, não mostram, absolutamente, amizade por elles, pelo contrario, existe um odio inveterado, como consequencia dos máus tractos que lhes foram infligidos pelos brancos. Por todos os modos imaginaveis enganaram sempre a estes pobres selvicolas e grande foi a impressão produzida pela manobra ardilosa inventada em 1811 para civilizar os Puris. Com promessa de dar-lhes ferramentas e armas, 2000 Puris foram attrahidos á villa Rica. Chegados eram logos agarrados e distribuidos entre os portuguezes para os quaes deviam trabalhar, naturalmente sem ser em qualidade de escravos, mas, unicamente para tornarem-se cidadãos prestimosos. O plano era sem duvida bom e o meio empregado talvez tivesse sortido, effeito, mas os autores do plano não conheciãam os seus patricios e além do mais, commetteu-se o erro de não deixar os indios viverem em familia; marido e mulher, paes e filhos foram separados e mandados a logares diversos. A consequencia foi que, mal tinham os Puris trabalhado uns 8 dias que todos os homens fugiram, tanto por causa das pancadas recebidas, como amor á liberdade e saudades da familia. Fervendo de odio, por terem sidos obrigados a abandonar mulheres e filhos na mão de seus algozes, estavam estes poucos outra vez nas suas mattas, matando todos os portuguezes que podiam e, entre elles, aquelles que lhes enganaram a vir para Villa Rica.

O Sr. Marière, como era o seu dever, teve que reunir portuguezes e Coroádos contra estes Puris, apesar de confessar que julgava justa a vingança dos Puris. Mas nesta occasião os portuguezes mostraram tão pouca coragem que afinal, os Coroádos tiveram de marchar sós, para vingarem os brancos, porém extremamente descontentes por causa da cobardia e falsidades reveladas para com os Puris.

Si, desde o começo, os portuguezes tivessem feito distincção entre os indios e os escravos africanos, o Brazil teria tido um bom lucro, mas assim perdeu-se tudo, querendo tudo ganhar. Ainda hoje seria possivel tirar destes selvagens mais partido do

que se faz porque, especialmente como soldados serviriam admiravelmente, apenas com a condição de formarem batalhões espezias e com as suas armas proprias. Não se póde imaginar soldados mais ligeiros; como um veado o indio desliza pela matta mais espessa e effectua marchas de 15 a 20 horas seguidas.

Logo antes da minha chegada a Minas-Geracs deu-se um facto que em crueldade excede a tudo quanto conheço e cuja veracidade pode ser attestada por meu companheiro de viagem, Sr. V. Eschwege. Uma porção de soldados portuguezes, commandados por um capitão, tinham sido mandados em procura de uns Botucudos que, havia pouco, commetteram alguns excessos em Rio Doce e a ordem era de afugental-os ou inattal-os. Marchando com prudencia, encontraram logo o paradeiro destes antropophagos e cercaram-nos durante a noite. Quando os indios viram-se surprehendidos, procuraram salvar-se, extendendo-se no chão, fingindo estar mortos e suspendendo a respiração. Naturalmente não lograram enganar os seus perseguidores cujo commandante foi a cada um delles, baptizou-o e em seguida mergulhou-lhe a faca no coração. De manhan os vencedores regressaram e proximo ao logar da victoria encontraram-se com uma botucuda que com os seus dois filhinhos no collo estava acocorada ao pé de uma marmita, sobre um fogo. Immediatamente foi ella immolada pelos crueis heróes, alcançada por uma bala. Aproximando-se a ella, já com os olhos velados pela morte, indicou ella a marmita que continha a carne de um macaco, deixando tristes entender que dessem de comer as criancinhas. Sómente então alguns sentimentos humanos pareciam accordar nos peitos destes heróes e deixaram as criancinhas viver, um beneficio que estou inclinado a attribuir mais ao egoismo porque, ha uma lei que assegura ao vencedor o direito por 10 annos sobre cada indio que prender em guerra,

Por mais satisfactorio que seja para o philantropo, o pensamento de civilizar os selvagens que ainda existem, forçoso é convir que, a sua realiação está muito distante. Um motivo poderoso se acha no modo pelo qual os portuguezes procedem para com os indios, cuja desconfiança nunca cessará e, será egualmente difficil para os portuguezes de acostumarem-se a enxergar no indio um semelhante seu e não uma especie de animal. Ha porém mais um motivo. E' um caracteristico notavel dos indios de mostrarem a maxima indifferença por tudo, mesmo por objectos que lhes são inteiramente novos. Este traço costuma ser raro entre selvagens em geral mas, o indio brasileiro nada admira e parece não conhecer a alegria nem a dor. Podia mostrar aos



Coroádos o que quizesse, permaneciam sempre impassiveis nas suas redes e, infelizmente, é esta immobilidade dos sentimentos que constituem um dos maiores obstaculos para a civilização. Um povo, tão pouco inclinado a transformar-se, não dá esperanças de ser ganho pela cultura.

E' uma asserção erronea que o Brrzil tivesse sido mais populoso antes da vinda dos portuguezes. Si assim fosse, os indigenas devem ter sido expulsos de uma grande parte do seu territorio para os districtos cobertos de florestas onde hoje vivem e deviam ser mais numerosos. Mas, segundo observações fidedignas, não se pode contar mais de 150 individuos por legua quadrada e não conheço alias um paiz com tal população e cujos habitantes estivessem em tal inferioridade cultural como os selvagens no Brazil. Quando um paiz é bem povoado, tem elle sempre uma civilização superior porque, são as necessidades que obrigam os homens a inventar mas, onde aquellas faltam, não se pode esperar de encontrar esta.